

20 • Domingo, 4/9/94

## TRIBUNA DA CIDADE

PAULO OCTÁVIO

### Reconquistar DF Brasília

A juventude de Brasília sempre teve um papel destacado nesta cidade essencialmente jovem. Quem veio para cá no início, quando a poeira e as ilusões se misturavam, vai se lembrar que a cidade era conhecida por não oferecer atrações. Cinema, só havia um de qualidade, o Cine Brasília. Havia um outro improvisado na 508 Sul. Teatro era o da Escola Parque. O resto era por conta da imaginação de cada um.

Mas esse cenário pobre de atrações produziu personalidades. Os estudantes se reuniam, no Plano Piloto, basicamente, no colégio da Caesb e, depois no Elefante Branco. Escolas públicas, de ótima qualidade que formaram para a vida uma série de profissionais que hoje lideram em seus respectivos setores. Mais tarde, veio o Ciem, Centro Integrado de Ensino Médio, da Universidade de Brasília, que completou o quadro de excelente nível educacional. A escola particular era complementar. Nela estudava quem assim desejava, porque o ensino público, rigorosamente gratuito, tinha elevada categoria.

Foi nessa situação de camaradagem, igualdade, amizade e absoluto despojamento que Brasília foi produzindo seus personagens. Há quatro anos, por exemplo, o colégio da Caesb reuniu seus estudantes pioneiros para uma linda festa. Lá se encontraram profissionais liberais, procuradores, professores, profissionais liberais e desportista. Não havia diversão em Brasília, na década de sessenta, e cada um escolhia seu caminho. Uns estudavam muito, outros trabalhavam além da cota e um terceiro grupo encontrava motivo para se divertir. A Caesb



"Tudo era pacífico e o traço comum era o desejo de crescer, de desenvolver e buscar novos horizontes"

reuniu todo o grupo para comemorar 30 anos depois. A falta do que fazer fez surgir, por exemplo, as corridas de rua, que não tinham nenhuma conotação com a violência. Era apenas a diversão de jovens e adultos, com a discreta complacência da polícia de trânsito, desde que os pegas fossem realizados em áreas distantes. Não faltavam regiões desertas em Brasília naquela época. Essa brincadeira ingênua permitiu o aparecimento de campeões do porte de Nelson Piquet. A vida na superquadra aproximava as pessoas, mesmo porque elas tinham o destino comum de fazer funcionar uma capital assolada por críticas e detestada pela imprensa carioca. Os que vieram no início tinham o dever de responder positivamente às muitas ameaças de retorno da capital para o Rio de Janeiro.

Brasília sobreviveu às crises e essa geração está hoje solidamente colocada dentro de seus escritórios, gabinetes, redações e alguns no Congresso Nacional. Não havia gangues nas superquadras, nem havia o menor vestígio de violência. Tudo era pacífico e o traço comum era o desejo de crescer, de desenvolver, de buscar novos horizontes, o que permitia às pessoas superar os problemas do dia-a-dia. As poucas brigas correspondiam a um enredo de crônica anunciada e ocorriam sempre nos bailes de carnaval do Iate, em torno das mesmas pessoas na disputa das mesmas meninas.

Brasília de hoje não guarda semelhança com a calma que já imperou por aqui. A cidade ficou nervosa, a juventude se perdeu de seus melhores propósitos e as excelentes escolas deixaram de oferecer o serviço que delas se espera. As mulheres tiveram que ser definidas como minorias, embora elas não sejam poucas em números, nem diferentes na execução das tarefas diárias. Um pouco do Brasil se perdeu aqui, nos últimos anos em termo de convivência, urbanidade, amizade e educação. Vale a pena meditar sobre isso. E iniciar a tarefa de reconquistar para os brasilienses a sua própria cidade.

■ Paulo Octávio é deputado federal pelo PRN e candidato à reeleição